



**O Jornal
Económico**

E S P E C I A L



Cidades do Futuro

INFRAESTRUTURAS TECNOLÓGICAS A SERVIR AS ‘SMART CITIES’

A digitalização deve estar ao serviço das cidades para que criem melhores condições de vivência para os cidadãos, onde estes devem usufruir de melhores e diferentes transportes, sempre com mais segurança. A proibição das trotinetes vai chegar a Portugal? Leia a opinião dos vários operadores de sector.

ANÁLISE

Infraestruturas e tecnologia de mãos dadas na melhoria das cidades ■ P2

MOBILIDADE

‘Apps’ das trotinetes recusam cenário de Paris em Lisboa ■ P4

EVENTO

Cimeira das ‘smart cities’ regressa à FIL em outubro

“À medida que a tecnologia avança, as cidades inteligentes são cada vez mais eficientes, sustentáveis e centradas na qualidade de vida dos cidadãos”, diz o coordenador da Portugal Smart Cities Summit. ■ P5

FÓRUM

Como vislumbra a cidade do futuro? ■ P6

ANÁLISE

Infraestruturas e tecnologia de mãos dadas na melhoria das cidades

A qualidade de vida deve ser o foco das cidades para quem nelas vive e trabalha. A infraestrutura deve envolver toda a tecnologia possível para que as smart cities se tornem uma realidade mais próxima.

INÊS PINTO MIGUEL
E MARIANA BANDEIRA
imiguel@medianove.com

As cidades mundiais estão saturadas com tanto trânsito e as deslocações estão cada vez mais demoradas. Isto é um facto constatado num relatório da consultora McKinsey, sendo que a população se tem afastado, cada vez mais dos meios urbanos por estas mesmas razões. Posto isto, a pandemia trouxe uma certeza para quem a quiser aceitar: todos querem uma melhor qualidade de vida e os centros urbanos não estão preparados para a oferecer.

Estimando um crescimento exponencial da população até 2050, os analistas da McKinsey apontam no estudo 'Tecnologia de infraestruturas: desafios e soluções para a mobilidade inteligente em áreas urbanas' que as cidades têm de lidar com o volume de transportes que estão a colocar uma imensa pressão no espaço e estrutura disponível. Para os especialistas, a tecnologia é um grande auxílio que as cidades devem usar, uma vez que esta "alavanca a gestão da infraestrutura de transportes existente com eficiência e as cidades podem proteger ou reconstruir bairros para garantir que estes permaneçam a ser espaços vibrantes".

De facto, a consultora denuncia que as cidades devem pensar em maneiras de "aliviar o congestionamento, diminuir emissões e salvaguardar os bairros e espaços verdes", algo que permitirá melhorar a qualidade de vida ansiada pelos cidadãos que se querem manter nos centros urbanos mas só vêem a escapatória como sinal de des-canso.

Então, mas qual a relação entre o trânsito e as smart cities? Toda. Com sistemas de trânsito tecnolo-

gicamente interligados às cidades, as novas formas de mobilidade ganham um espaço próprio e conseguem ficar conectados dentro do mesmo ecossistema municipal. Ao ligar todo o sistema num só, os municípios e cidades garantem o essencial: que toda a população fica ligada ao mesmo nível, não existindo discriminação, e fazendo com que os principais desafios desapareçam da equação.

É aqui que entra o novo paradigma da mobilidade, que agora engloba três novas vertentes: a mobilidade partilhada, os carros elétricos e os veículos autónomos. Estes serviços podem significar investimentos de até um bilião de dólares em 2030, um valor significativo, mas que nos leva a uma nova vida

com foco numa mobilidade controlada pela infraestrutura.

Os analistas defendem que a tecnologia que permite a ligação já existe mas que o seu uso é insuficiente e pouco explorado. Fala-se da Internet das Coisas (IoT), *cloud computing* e *data analytics*. É na digitalização desta indústria que se tem focado a grande maioria das alterações para aquilo que se imaginam as cidades do futuro, integrando novas tecnologias e diferentes agentes, bem como fabricantes de equipamentos ditos tradicionais.

Dificuldade na implementação

A aplicação das tecnologias à grande escala das cidades traz desafios para as mesmas, porque existem vários envolvidos num único processo, e o mesmo plano dificilmente é aplicável a outras cidades com a mesma eficiência. Ou seja, os planos têm sempre de ser adaptados aos municípios em questão, aos desafios e metas pretendidas. "Os exemplos internacionais mostram que os projetos de mobilidade urbana são únicos e não podem ser replicados diretamente". O mesmo plano que resulta em Lisboa não irá funcionar em outras cidades europeias como Madrid ou Paris. Os especialistas da McKinsey dizem mesmo que estes têm de ser "feitos à medida" de cada um.

A consultora evidencia dois principais *players* para que a adoção seja bem sucedida: aqueles que moldam o sistema (políticas, reguladores, municípios e cidadãos) e os responsáveis pela mobilidade em si (empresas de micromobilidade, transportes públicos, infraestrutura de carregamento de carros elétricos e aluguer automóvel).

As políticas têm de ser adaptadas às cidades mas também às necessidades dos cidadãos, que vão mu-



dando ao longo do tempo, e por essa razão é importante ter uma infraestrutura coesa entre si.

Segurança 2.0

Uma metrópole do futuro é também uma metrópole mais segura – e com mais tecnologia, nomeadamente Inteligência Artificial (IA) – para intensificar essa segurança.

Para o diretor geral da Prosegur Security em Portugal, o mercado demonstra "apetência" por estas soluções digitais, embora todo o processo requiera uma "gestão de mudança", para "fazer a tradução da tecnologia" em aumento da eficiência e produtividade. "Existe um fator dominante muito forte em matéria de IA ou *machine learning*

que é a capacidade preditiva. Na atual conjuntura de riscos cada vez mais difusos e de origem muito diversificada, já não é suficiente possuir um modelo de gestão de segurança dinâmico com informação em tempo real. Temos de ter modelos preditivos, permitindo-nos antecipar eventos que possam colocar em risco as operações dos nossos clientes", explica Gonçalo Morgado ao JE.

Estima-se que a China tenha mais da metade das cidades inteligentes a nível mundial e que, à medida que cresce o investimento em *cloud computing*, câmara e sensores mais desenvolvidos através da rede móvel de quinta geração (5G) acelere também a vigilância à base



Gonçalo Morgado
Diretor-geral
da Prosegur Security



Mar Galtés
Diretora de Desenvolvimento Corporativo
da Tech Barcelona



ISTOCK

– em situações de acidente rodoviário, incêndio, objetos abandonados, agressões, tiroteios, assaltos, quedas, entre outras – e permite controlar o histórico de acontecimentos do local onde está instalado através redes neuronais profundas aplicadas à visão computacional. “É expectável que a aposta e investimento na IA continue a trazer benefícios para todos”, garante o cofundador e CEO da Deepneuron, Vasco Lopes.

Em declarações ao JE, diz que a digitalização pode apoiar inclusive na retenção dos recursos humanos. “Permite melhores condições de trabalho para quem trabalha nesta área, enquanto reduz, de forma eficaz, o erro humano, permitindo atuar em tempo real numa panóplia de atividades perigosas”, crê. “Trata-se de um trabalho exaustivo e desafiador, tanto a nível psicológico como físico. Os sistemas atuais requerem uma atenção e monitorização constantes, o que provoca altos níveis de exaustão, sendo extremamente propenso a falhas e erros”, alerta Vasco Lopes.

Colaboração além-fronteiras

Mais do que investimento em tecnologia e mobilidade (ver pág. 30) e cumprimento de critérios de sustentabilidade, as cidades do futuro são também aquelas que colaboram entre si para criar sinergias em vários segmentos de atividade. Vejamos o caso de Lisboa e Barcelona, ambas conhecidas pelo triplo “S” - Sun, Sea & Startups (“Sol, mar e startups”). No início deste mês, as duas autarquias juntaram-se para apresentar o projeto ‘Plaça de Barcelona’, uma iniciativa da Câmara Municipal de Barcelona - para aumentar a sua projeção internacional e potenciar o talento digital, as empresas e os negócios locais - na qual Lisboa foi a primeira cidade do mundo a ser escolhida para a receber. A partir de um espaço interativo de conferências no festival de música Sonàr, a ideia é que se torne uma rampa para a entreejuda ibérica.

“É uma boa oportunidade para explicar a um país estrangeiro, vizinho, o que estamos a fazer. O nosso ecossistema nasceu há quase 20 anos, trabalhamos-lo enquanto associação há dez, mas agora estamos a estimular a internacionalização. Isto foi organizado pelo poder local, as câmaras, e nós somos uma organização privada e independente, que representa 1.300 empresas. Logo, temos aqui dois modelos muito diferentes de como fomentar o ecossistema, um exemplo de como a iniciativa pública pode colaborar com a privada”, sugere Mar Galtés, Diretora de Desenvolvimento Corporate na Tech Barcelona.

Para o diretor executivo da Startup Lisboa, “está na altura de deixarmos de olhar para Portugal como um ecossistema local e começarmos a olhá-lo a um nível mais alargado”. “Obviamente, entre Portugal e Espanha, esse é o primeiro passo mais natural”, conclui Gil Azevedo. ■

de algoritmos. Por exemplo, a cidade belga de Genk está a utilizar a plataforma “Scene Analytics” da Nokia para medir os níveis de ruído numa rua comercial e reportar aos moradores queixosos e Melbourne recorre a um sistema parecido para tentar combater os aterros sanitários ilegais, segundo relata o portal de notícias do sector “IFSEC Global”.

Por cá, esse trabalho de modernização da área da segurança, em prol dos cidadãos e das empresas, tem estado a ser feito por engenheiros informáticos e investigadores como Vasco Lopes e Bruno Degardin, da Deepneuron. O sistema que os dois criaram emite alertas visuais e sonoros imediatos



Inovação, Mobilidade e as Cidades do Futuro

De acordo com o Banco Mundial, cerca de 4,4 mil milhões de pessoas, ou seja, mais de metade da população mundial, vivem em cidades ou áreas urbanas. E a expectativa é que este número duplique até 2050, o que significará que cerca de 7 em cada 10 pessoas viverá numa cidade.

Além de se constituírem como espaços de oportunidade de emprego e de educação, os centros urbanos são, também, polos turísticos, para onde os visitantes convergem para desfrutarem das múltiplas ofertas, exposições de arte, competições desportivas, ou eventos culturais.

De acordo com o Mastercard Economic Institute, depois das restrições durante o período da pandemia e apesar do arrefecimento da economia, o turismo cresce em contraciclo e a procura global pelas viagens não só recuperou, como alcançou os níveis de 2019 e com uma mudança evidente nas principais opções nos gastos dos turistas, que vão, agora, mais para as experiências, como acesso a museus, concertos, parques de diversões ou outras atividades recreativas, que aumentaram 76%, e menos para a compra de bens, como vestuário, cosméticos ou acessórios, que aumentaram apenas 34% em comparação com 2019.

Gastos de turismo em Portugal

Em relação a Portugal, os dados do Mastercard Economic Institute, mostram que Lisboa foi uma das quatro principais cidades europeias com maior crescimento absoluto ao nível de gastos em hotéis face a 2019. Na maioria dos meses, apenas Londres e Paris tiveram aumentos superiores a Lisboa em gastos com hotéis.

Estas dinâmicas económicas e sociais levantam aos decisores e planeadores urbanos desafios de inovação, mas também soluções adequadas para funções vitais como a mobilidade. Duas áreas, aliás, em que a Mastercard tem desenvolvido a nível global, desde há vários anos, inúmeros projetos, incluindo em Portugal.

Ainda recentemente, foi anunciado o reforço da parceria da Mastercard, que tem mais de dois anos, com o NEST - Centro de Inovação do Turismo, nas áreas da inovação e dos programas de aceleração para criar experiências de turismo integradas, eficientes e seguras, desde a origem até ao destino. Entre as principais iniciativas desta parceria destacam-se o desenvolvimento do “IDfastrack” e o Programa de Inovação para Pagamentos em Smart Mobility.

O coração da cidade

A mobilidade urbana eficiente é uma prioridade para assegurar que as pessoas que precisam da cidade têm fácil acesso a transportes públicos de mas-

sas e opções de micromobilidade.

Para cumprir este desígnio, os primeiros desafios passam por facilitar o movimento sem atrito pelos espaços urbanos e permitir que os utilizadores não tenham de perder tempo nas filas para comprar ou validar os títulos de transporte. Por outro lado, é fundamental assegurar a interligação e integração das ofertas de mobilidade urbana pública e privada, incluindo táxi, TVDE, bicicleta ou scooter. Trata-se, na prática, de permitir aos utilizadores poderem escolher facilmente o método de transporte que, a cada momento, se adequa melhor às suas necessidades, seja o mais simples, o mais rápido, o mais ecológico ou o mais económico.

Mobilidade sustentável e inclusiva em Portugal

Tudo o que falamos já é possível e está disponível em Portugal. Temos vários exemplos resultantes da parceria global que a Mastercard celebrou com uma revolucionária startup portuguesa, a Ubrider. Com a PickHub, da Ubrider, a app dos passageiros, e através da sua plataforma de mobilidade como serviço (Mobility-as-a-Service), pensada para cidades e operadores de transportes públicos e privados, todos os utilizadores têm conveniência e simplicidade.

Em Évora, nos autocarros operados pela Trevo, foi estreada a solução Ubrider para operadores, que oferece eficiência, redução de custos e mais qualidade de serviço e inclui a aceitação de pagamentos contactless a bordo. Uma forma rápida e fácil de proporcionar maior conforto e conveniência aos passageiros ocasionais ou regulares, através de uma experiência de pagamento de última geração. Outro exemplo, é a operação na Fertagus, a operadora dos comboios suburbanos da área metropolitana de Lisboa, que movimentava cerca de 3 milhões de passageiros por mês. Em apenas dez meses, mais de 30% das vendas de bilhetes foram feitas através da app PickHub, numa demonstração clara de adesão por parte dos utilizadores, que consideram a aplicação útil, fácil de utilizar, mas, sobretudo, muito mais prática que carregamentos em ATM ou postos dos operadores.

A mobilidade urbana é o coração de uma cidade, e, hoje, já estão ao nosso alcance soluções capazes de minimizar o atrito e oferecer uma cobertura inclusiva e acessível, que ajudem as pessoas a chegar ao seu destino de forma segura e rápida, enquanto contribuem para um futuro sustentável da mobilidade nas nossas cidades.



Com o apoio de

MOBILIDADE

‘Apps’ das trotinetes recusam cenário de Paris em Lisboa

Paris volta a ser pioneira ao banir as trotinetes em setembro próximo, depois de as introduzir em 2018. O Jornal Económico ouviu alguns dos operadores para perceber se a proibição pode ter um efeito borboleta em outras cidades.

INÊS PINTO MIGUEL
E MARIANA BANDEIRA
imiguel@medianove.com

O tema das trotinetes nunca foi muito consensual. Se por um lado elas permitem uma rápida deslocação, por outro levam a uma condução mais destemida e, por vezes, irresponsável. Que o diga Paris, que prevê proibir este tipo de micromobilidade já a partir de 1 de setembro, depois da realização de um referendo em que 90% dos votantes decidiram banir o veículo ligeiro, anos após ter feito uma introdução pioneira do mesmo na Europa em 2018.

Os parisienses denunciam que a presença das trotinetes na cidade é um assunto tenso e de elevada preocupação, sendo que a proibição vai reduzir em muito o incómodo que estas têm causado nas ciclovias e no estacionamento.

Sendo Paris uma das principais cidades europeias pioneiras a lançar e banir este veículo controverso, o que se seguirá? Na opinião das empresas de micromobilidade que operam em Portugal, nada.

Em forma de antecipação à decisão de Paris, a responsável da Lime indica ao Jornal Económico que “notamos que as cidades estão a seguir a direção oposta”. “Paris é a exceção à regra, enquanto outras cidades em França, como Lyon, Grenoble, Bordeaux e mais estão a expandir os seus programas. Estão a seguir uma tendência global, com Nova Iorque, Londres, Roma e Chicago e quase todas as outras cidades estão a estender as licenças”, nota.

A mesma opinião é partilhada pela Whoosh. “É seguro dizer que Lisboa não seguirá o exemplo de Paris, uma vez que as empresas, juntamente com a administração municipal, trabalham para minimizar a tensão e maximizar o lucro não económico da micromobilidade partilhada”, garante João Pereira Reis.

Contrariamente à capital francesa, o CEO da Whoosh Portugal evidencia que a cidade de Lisboa e os operadores “estabeleceram um diálogo saudável que lhes permite colaborar e desenvolver os serviços em nome de uma melhor mobilidade urbana”.

Foi em prol da mobilidade que Lisboa e os seus cinco operadores estabeleceram um acordo que prevê a redução da velocidade máxima para 20 km/h, locais de estacionamento fixos e a redução do número de trotinetes presentes durante o inverno e o verão.



Reuters

Para três operadores de micromobilidade em Portugal, o fim das trotinetes em Paris é exagero e apelam a que a autarquia repense a sua decisão

O CEO da Whoosh Portugal indica que “já fazíamos e defendíamos desde o momento em que entramos no mercado nacional” todas as considerações aprovadas em janeiro passado na Câmara de Lisboa, não verificando um impacto notório no negócio, uma vez que as “colocávamos em prática”. Por sua vez, a Lime vai mais longe e diz que seria importante reduzir o número de operadores para três (em vez dos atuais cinco) para “evitar a saturação do mercado e uma administração mais fácil para as cidades”.

Bolt alerta para concursos públicos de micromobilidade

A Bolt espera que a cidade de Paris repense a ideia de pôr fim às trotinetes a partir de setembro. “Acreditamos que renunciar a este tipo de transporte partilhado representa um passo atrás na construção de cidades melhores”, disse ao JE o responsável de Micromobilidade da Bolt em Portugal.

A Câmara Municipal de Paris tem licenças com operadoras como a Lime, a Dott e a Tier. A Bolt destaca que, embora as suas trotinetes não estivessem presen-

tes em Paris recentemente, espera que a “cidade reconsidere a sua posição”, porque se trata de um meio de transporte fundamental para a vida das cidades, sobretudo as mais vanguardistas. “A experiência da operação da Bolt em 260 cidades e 25 países na Europa mostra que este tipo de veículos são uma parte essencial do sistema de mobilidade nas cidades”, afirmou ao JE Frederico Venâncio.

O porta-voz da Bolt em Portugal vai mais longe e considera que o facto de a capital francesa, com mais de dois milhões de habitantes, ter avançado com um referendo mostra que “os concursos públicos não são a solução adequada” quando se escolhem operadores de micromobilidade para uma zona urbana.

“Mais do que isso, demonstra que os desafios em matérias de políticas públicas da cidade não foram endereçados”, defende. “um cenário de mercado livre, os operadores precisam de competir constantemente uns com os outros para se garantir que acrescentam valor e que aumentam a qualidade do serviço para os utilizadores - incluindo normas de segurança adequadas e preços acessíveis”, alerta Frederico Venâncio ao JE.

Ressaltando que o unicórnio respeita o resultado da votação em Paris, o responsável de Micromobilidade da Bolt em Portugal salienta que mais de 92% das pessoas elegíveis para votar não participaram no referendo, o que significa que “apenas cerca de 1% de toda a população da capital francesa expressou a sua vontade” neste escrutínio. Efetivamente, dos 1,38 milhões de eleitores registados no município liderado por Anne Hidalgo, só cerca de 103 mil pessoas participaram. “As trotinetes são uma alternativa mais acessível e sustentável à utilização de um automóvel particular e integra-se sem problemas nas redes de transporte existentes nas cidades. Vemos que tanto os clientes como as cidades reconhecem amplamente o impacto positivo das trotinetes partilhadas nas suas cidades, pelo que não esperamos que a votação em Paris tenha qualquer impacto sobre elas”, conclui o executivo da empresa fornecedora de serviços de veículos de transporte de passageiros, entregas de refeições, bicicletas elétricas e trotinetes.

As cidades do futuro continuarão a ter trotinetes? Nim. ■

HÁ UM MAR DE INFORMAÇÃO QUE NOS UNE

Media Nove é o primeiro grupo de comunicação de e para a lusofonia

Navegue connosco em: medianove.com



MEDIA
NOVE

Forbes

Forbes
África Lusófona

O Jornal
Económico

NOVO
Semanário



EVENTO

Cimeira das 'smart cities' regressa à FIL em outubro

“À medida que a tecnologia avança, as cidades inteligentes são cada vez mais eficientes, sustentáveis e centradas na qualidade de vida dos cidadãos. E isso representa um grande desafio”, diz o coordenador da Portugal Smart Cities Summit.

MARIANA BANDEIRA
mbandeira@medianove.com

A maior cimeira de cidades inteligentes em Portugal estará de volta à FIL – Feira Internacional de Lisboa – daqui a seis meses. Entre os dias 11 a 13 de outubro, empresas públicas e privadas, autarquias, empreendedores, investigadores e académicos encontram-se no evento onde o presente e o futuro das cidades é o tema principal, a Portugal Smart Cities Summit, promovida pela Fundação AIP.

“Há um grande interesse e um grande potencial no futuro das cidades inteligentes. À medida que a tecnologia avança, as cidades inteligentes são cada vez mais eficientes, sustentáveis e centradas na qualidade de vida dos cidadãos. E isso representa um grande desafio. Por isso, esta edição será uma vez mais vez o ponto de encontro de todos os *stakeholders* que são parte ativa na discussão e no encontro das melhores soluções para as nossas cidades”, explica ao Jornal Económico (JE) o coordenador da Portugal Smart Cities Summit, Miguel Anjos.

Ao longo dos três dias, haverá debates em torno dos seguintes temas: Autarquias, empresas e cidadãos; Financiamento público e privado; Transformação digital e as organizações - Estratégias, processos e boas práticas (11 de outubro); EnergyLive: Transição energética e sustentabilidade - Prioridades, desafios e oportunidades; Cibersegurança; Saúde e bem-estar nas *smart cities*; Smart mobility (12 de outubro); Acqualive Resíduos, ambiente e sustentabilidade; *Smart cities sharing* e cidades inclusivas (13 de outubro).

O evento conta também, logo no dia de arranque, com a habitual “Cimeira dos Autarcas”, com painéis sobre soluções e inovações no domínio das *smart cities* que serão – ou estão a ser – implementadas nos territórios. Normalmente, a Associação Nacional dos Municípios Portugueses está presente através da intervenção da sua presidente. “Independentemente do que o futuro nos reserva no que diz respeito à descentralização, consideramos que cada vez mais as cidades assumem um papel fundamental na dinamização da economia nacional”, afirma o porta-voz.

“Nesta edição, estarão em destaque temas fundamentais para as cidades inteligentes, como as energias renováveis, a eficiência energética, a reabilitação urbana, a mobilidade, a IoT [Internet of Things], as alterações climáticas, a água, o ambiente, a economia verde e a sustentabilidade, o tratamento de resíduos e a reciclagem, a economia circular, a descarboni-

zação da economia, a Inteligência Artificial, a cibersegurança, o Big Data, entre outros”, destaca ao JE Miguel Anjos.

A conferência – que conta com a operadora NOS como parceira estratégica – começou por estar 100% ligada a Portugal, ao poder local e ao ensino superior nacional. Contudo, tem assumido um posicionamento cada vez mais internacional. Segundo o coordenador da Portugal Smart Cities Summit, o público poderá contar com as participações diretas da Hungria e do Reino Unido, sendo que também Espanha, França, Tunísia e os Emirados Árabes Unidos têm estado presentes, bem como uma delegação da BUSINESSMED – União das Confederações Empresariais do Mediterrâneo.

“Estas presenças vêm confirmar a vocação do evento para ser um grande marketplace dedicado às cidades inteligentes, com uma capacidade cada vez maior de internacionalização. Assim, para além da presença dos *stakeholders* nacionais, acresce ainda a visita de várias delegações internacionais. Na última edição recebemos missões empresariais de Angola, Cabo

Verde, Cuba entre outras. Este ano pretendemos alargar o evento a outras geografias”, sublinha o *manager* de Exposições da FIL.

Na última edição, em 2022, a Portugal Smart Cities fez um inquérito de satisfação a uma amostra aleatória de 5% dos visitantes no qual concluiu que 93% dos visitantes inquiridos recomendariam a visita ao evento e que 80% dos expositores disseram que concretizaram negócios ou identificaram perspetivas de negócios nos seis meses seguintes ao mesmo.

“86% identificaram o evento como uma oportunidade de comunicação; 93% considerou o perfil dos visitantes adequado e 96% considerou que valeu a pena participar entre os quais 70% atingiram os objetivos”, realçou ainda Miguel Anjos.

A próxima edição da Portugal Smart Cities Summit realiza-se em simultâneo com o Segurex – Salão Internacional de Proteção, Segurança e Defesa, pelo que o coordenador do evento das cidades inteligentes considera que “a complementaridade da oferta” permite “perspetivar uma forte adesão de visitantes nos três dias”. ■



“Independentemente do que o futuro nos reserva na descentralização, cada vez mais as cidades assumem um papel fundamental na dinamização da economia nacional”

FÓRUM

Cidades interligadas e conectadas, a tudo e a todos

Cidades inteligentes, do futuro pensadas no presente e interligadas em todo o seu conjunto. A opinião das empresas no que serão as 'smart cities' e de como estaremos conectados. **POR INÊS FILIPA MIGUEL**

1. Como vislumbra a cidade do futuro?



JOÃO PEREIRA REIS
CEO
da Whoosh Portugal

Se dúvidas houvesse quanto ao atual paradigma, os últimos Censos apontam para a intensificação do automóvel como meio preferido de locomoção, de 61% em 2011 para 66% em 2021. Mais preocupante é o metro, o comboio ou o autocarro, que estagnaram ou sofreram quebras. Mas os paradigmas servem também para ser substituídos por melhores soluções. É por isso que afirmo que a micromobilidade é o futuro.

Não é viável continuarmos com um estilo de vida que coloca em causa aspetos cruciais para a sociedade, como a sustentabilidade económica, social e ambiental. A forma como as malhas urbanas estão construídas não se compadece com mais automóveis a entrar no centro das cidades. A micromobilidade é a resposta a um dilema levantado nas últimas décadas. Desde logo, é mais amiga do ambiente, o ruído é mínimo e o espaço que ocupa é inferior ao dos automóveis, e mais evidente se torna quando alguns estudos pré-pandémicos mencionavam a entrada diária em Lisboa de 400 mil veículos. A 9 de janeiro, os cinco operadores de trotinetes em Lisboa assinaram um acordo com a edilidade. Três grandes motes em cima da mesa: regular o número de veículos a circular nas ruas, de acordo com a sazonalidade da procura; definir espaços próprios para estacionamento; e a limitação da velocidade para 20 km/h. O problema está identificado, a solução encontrada. O que falta é passar das palavras aos atos e desenvolver uma estratégia adequada para a cidade, onde a micromobilidade se integra numa perspetiva mais alargada de utilização de transportes públicos. De uma vez por todas, assumamos a importância das trotinetes. Não como uma opção aos veículos automóveis, mas como real alternativa. O tempo urge, é imperativo criar uma estratégia capaz de criar condições para que uma cidade com o perfil de Lisboa tenha um melhor aproveitamento dos seus incriveis espaços, sem a tirania do automóvel. Face do dilema que se levanta, estamos perante uma resposta no século XXI, na mesma medida que os automóveis o foram há um século atrás. Cabe-nos, pois, assumi-lo e não ter medo do futuro!



ALEXANDRE FERNANDES
Porta-voz
da Sonae Sierra

As cidades do futuro são as cidades do presente, áreas urbanas em contante mutação e cada vez mais inteligentes, sustentáveis e conectadas. As cidades do futuro são ecossistemas construídos para fomentar o bem-estar das comunidades que as utilizam, de forma duradoura, inclusiva e onde as novas centralidades ganham forma. Os edifícios são parte deste ecossistema e devem ser pensados para dar resposta a este paradigma. O planeamento é fundamental para dar corpo a esta construção. A tecnologia terá, sem dúvida, um papel importante no desenvolvimento das cidades, permitindo que as pessoas comuniquem, trabalhem e vivam de forma mais eficiente e sustentável e sobretudo com maior qualidade de vida.

Na Sierra acreditamos que para conseguirmos responder aos novos desafios impostos por esta evolução torna-se fundamental falarmos do conceito de uso misto no sector imobiliário e do quão importante se tornou projetar edifícios e espaços devidamente integrados capazes de responder a uma ampla variedade de necessidades e usos. Temos claramente identificada uma tendência à qual estamos a dar resposta e que tem a ver com a reconversão de espaços e edifícios já existentes. O sector tem metas muito ambiciosas no que diz respeito à sustentabilidade e os investidores não estão dispostos a apostar em projetos que não tenham esta componente reconhecida.

A reconversão é particularmente interessante pois além da óbvia componente de sustentabilidade, tira partido do que já existe, somando a cultura à geografia, em vez de as eliminar. Estes investimentos e oportunidades são o motor capaz de alavancar, e oferecer às diferentes comunidades, as conhecidas como cidades dos 15 minutos, dando resposta às tendências de mudança nos conceitos de utilização mista, que respondam às mais recentes expectativas – viver numa cidade moderna onde a integração de diferentes usos esteja presente.



SOFIA VAZ PIRES
Diretora Executiva de Marketing
& Operações da Microsoft Portugal

Segundo as últimas previsões da ONU, 68% da população mundial viverá em cidades até 2050, nesse sentido caminhamos para áreas urbanas cada vez mais inteligentes, com a análise de dados no topo das tendências para otimizar a utilização de recursos, reduzir o desperdício, e melhorar a qualidade de vida global dos seus residentes. Através das tecnologias emergentes como a Inteligência Artificial, acreditamos que as cidades do futuro podem ajudar a promover a sustentabilidade ambiental, a equidade social, e o desenvolvimento económico. Por exemplo, as cidades inteligentes podem utilizar dados para otimizar os sistemas de transportes públicos, reduzindo o congestionamento do tráfego, podem também utilizar sensores e redes inteligentes para gerir a utilização de energia de forma mais eficiente, reduzindo as emissões de carbono e promovendo as fontes de energia renováveis.

Para além de promover a sustentabilidade ambiental, as cidades inteligentes devem envolver cada vez mais os seus cidadãos a partir da criação de espaços multidisciplinares com diversas utilizações que facilitem e contribuam para uma equidade social. Ao proporcionar melhor acesso à informação e aos recursos, as cidades vão ser capazes de compreender proativamente as necessidades e expectativas tanto dos seus cidadãos como de todas as entidades e organizações que fazem parte da área urbana



JOÃO RICARDO MOREIRA
Administrador
da NOS Comunicações

A cidade do futuro é uma cidade inteligente, uma cidade 5G. Ou seja, uma cidade que recolhe a imensa informação das diferentes fontes ao seu dispor para, de forma estruturada e informada, tomar decisões que melhorem o bem-estar e a qualidade de vida dos seus cidadãos.

Na NOS habituamo-nos a ver as cidades como um conjunto de redes: a rede dos transportes, a rede da energia, da habitação, do acesso a serviços, da saúde... O 5G, ao tornar possível a ligação e interação de milhares de milhões de dispositivos e a recolha de uma quantidade incomensurável de dados, vai permitir que todas estas redes passem a comunicar entre si e se automatizem, para se tornarem muito mais eficientes. Pensando, por exemplo, na mobilidade, é possível analisarmos todos os movimentos das pessoas e dos vários veículos numa cidade e redesenharmos o sistema de transportes em função disso. Usando a velocidade e baixa latência do 5G, os veículos autónomos e semiautónomos tornar-se-ão uma realidade. Serão capazes de comunicar entre si, mas também com os peões e com as infraestruturas – semáforos, pontes, autoestradas. Esta capacidade vai otimizar os fluxos dos espaços urbanos, garantir uma melhor distribuição do tráfego, aumentar a segurança e reduzir os acidentes rodoviários.

A cidade do futuro é também mais sustentável e mais eficiente. A tecnologia 5G capacita todas as indústrias e pessoas na otimização de consumos energéticos. Isto aumentará a eficiência da distribuição de eletricidade, gás e água, identificando perdas ao longo das redes terrestres e subterrâneas e antecipando avarias antes do tempo. Nesta cidade, as distâncias serão mais curtas, de maneira a todos os serviços essenciais serem mais acessíveis. Pensemos, por exemplo, em diagnósticos remotos com o uso de câmaras, dispositivos e sensores capazes de identificar dados vitais e sintomáticos. Ou a monitorização preventiva de pacientes fora de estabelecimentos médicos, para prevenir episódios agudos de doença.



MARIA ANTÓNIA SALDANHA
Country Manager
da Mastercard Portugal

As cidades inteligentes do futuro serão proativas a responder às aspirações dos seus cidadãos, usando big data e as tecnologias da chamada quarta revolução industrial para transformar políticas e processos em benefício dos negócios locais, da inclusão e da diversidade.

A cidade do futuro permitirá tecnologias de pagamento para todos e garantirá transações simples, seguras e sem atrito. No cerne das cidades do futuro estará a mobilidade urbana, porque é essencial ao quotidiano de todos os que dependem da economia da cidade.

Segundo dados das Nações Unidas, as cidades continuarão a crescer e até 2030 o mundo terá 43 megacidades, cada uma com mais de 10 milhões de habitantes. Esse crescimento, combinado com o crescimento da economia mundial, pode fazer com que as cidades vejam sua população aumentar em mais 2,5 mil milhões de pessoas até 2050, fazendo com que a população total a viver em áreas urbanas suba dos atuais 55% para 68%.

Estes números trazem um conjunto crescente de desafios nesta jornada a caminho das cidades do futuro, a tecnologia será fundamental e a digitalização potencializará não apenas cidades inteligentes, mas também cidades sustentáveis, nas quais as infraestruturas inteligentes serão as fundações, a inovação em pagamentos inteligentes será o enabler e as tecnologias centradas no cidadão vão enriquecer a experiência e a qualidade da vida urbana.